

## 4

### Mistérios em cidades virtuais

#### 4.1

##### Uma cidade localizada no mapa?

Logo na primeira página de seu livro *Mandrake – A Bíblia e a bengala* (2005), Rubem Fonseca descreve a rotina de seu advogado criminalista: “Cheguei ao escritório por volta das oito, acessei a Internet e comecei a ler, seletivamente, como de costume, cinco jornais de cidades espalhadas pelo mundo, além de um do meu país, algo que tomava, aproximadamente, quarenta minutos” (Fonseca, 2005, pg. 7). Mandrake circula pelo Rio de Janeiro na trama descrita por Fonseca, mas os mistérios que procura desvendar estão além das fronteiras do seu país. São suspeitos que viajam com facilidade para o exterior, personagens estrangeiros que vivem na cidade, crimes que interessam não apenas à polícia local, mas a organizações internacionais também, como a Interpol.

O cenário do livro, aliás, é internacional. E o advogado de Fonseca recorrer à Internet toda a vez que inicia uma nova investigação. E o próprio protagonista justifica a escolha ao longo da história: “Pesquisei na Internet o nome Aquilino Altolaquirre, achei logo um site, não existe mais ninguém no mundo que não tenha o nome na Internet” (Fonseca, 2005 p. 14).

Fonseca nos apresenta um mundo onde as fronteiras são elásticas. Seu Mandrake aparece conectado a diferentes países pelo computador, numa rotina que inclui a leitura de cinco jornais internacionais por dia através de um monitor e da investigação da vida de clientes em sites de busca. O advogado conhece uma italiana que trocou sua terra natal pelo Brasil, adotando aqui uma nova identidade, e investiga pessoas de diferentes personalidades que se unem por uma causa comum: a paixão por livros raros. Indivíduos capazes de matar por exemplares únicos e cruzar os mais diferentes países atrás de novas aquisições.

A sociedade em que Mandrake vive parece cosmopolita. E, apesar de ter o Rio de Janeiro como cenário da trama, são os personagens e suas histórias que aparecem descritos e não as paisagens da cidade. Mas a vida num centro urbano

dos dias de hoje está representada. O protagonista da história explica por quê: “Respondi que a cidade para mim eram as pessoas, se me pedisse para descrever a minha cidade eu falaria das pessoas. Nem praias, nem montanhas, nem árvores, nem ruas, nem casas, falaria das pessoas.” (Fonseca, 2005, p.129)

O autor, em seu livro, trata da vida de indivíduos numa sociedade globalizada. Desde a publicação da primeira narrativa policial, inaugurada por Edgar Allan Poe, os romances do gênero têm a cidade como pano de fundo e revelam, em suas histórias, as características da vida nos grandes centros urbanos. Ainda hoje, em entrevistas para jornais e revistas, autores de suspense costumam ligar o gênero policial a uma crônica da vida na metrópole. O escritor Michael Connelly, por exemplo, criador do detetive Hieronymus Bosch, afirmou que o romance criminal é o romance social. Numa entrevista para o caderno *Prosa & Verso*, do jornal *O Globo*, publicada em dezembro de 2004, o autor diz que o gênero tornou-se o instrumento por meio do qual é possível investigar, explicar, espelhar qualquer aspecto ou doença de nossa sociedade. Segundo ele, escritores de policiais têm aproveitado a narrativa criminal para falar de males das cidades grandes e de como a vida na metrópole vem afetando a forma de sentir e viver dos homens.

E as narrativas de mistérios, nascidas na Inglaterra, com a criação do policial clássico, ou de enigma, ganharam o mundo. A partir da década de 90, a população dos mais diferentes países assistiu a um *boom* de livros do gênero. Segundo Denise Góes, num artigo publicado na edição número seis da revista *EntreLivros*, de cada cinco volumes vendidos na França, um é policial. No Brasil, a Companhia das Letras estima que sejam vendidos cerca de 150 publicações do gênero todos os meses. “O romance policial é um universo em expansão. Cada vez mais globalizado, o gênero deixou de ser exclusividade da língua inglesa. Novidades pipocam em várias partes do mundo: Suécia, Rússia, Cuba, Espanha, Itália e Brasil” (Góes, 2005, p. 30).

Uma rápida pesquisa na Internet revela ainda uma série de sites dedicados ao policial, livrarias virtuais, associações de apaixonados por tramas de mistério, com notícias, críticas e lançamentos. No início de 2006, surgiu a primeira livraria brasileira especializada num único assunto: romances policiais. O endereço do estabelecimento? Virtual. O policial chegou também ao mundo sem fronteiras da

Internet, à rede internacional de informação, que, pelo menos teoricamente, está aberta a todos, independentemente da nacionalidade.

Neste capítulo procuro analisar se as narrativas policiais de hoje refletem as tensões entre nacional e cosmopolita, o local e o global, presentes no mundo contemporâneo, levando em conta que, segundo os seus próprios escritores, o gênero vem servido de pretexto para tratar da vida nas metrópoles. Nos grandes centros urbanos, descritos nos livros, a preocupação em retratar uma realidade nacional cederia o lugar para a defesa de comunidades, pequenos grupos, formados por afinidades, causas e interesses comuns? Por isso, analisarei sites dedicados ao policial. A intenção é perceber se, mesmo no terreno democrático da rede, onde, teoricamente, todos têm acesso, as cidades e sociedades retratadas nas tramas têm características nacionais ou se, num mundo de fronteiras elásticas, como na trama de Fonseca, grupos estariam representados e não uma nação. Na história o advogado investiga crimes com conexões no mundo inteiro, que envolvem colecionadores de livros raros. Para investigar a trama, autoridades internacionais se juntam aos tiras locais.

O delegado da Roubo e Furtos, acompanhado de Raul, um escrivão e vários tiras, entre eles, Walter, inspetor da Interpol, invadiu a Livraria Antique. A Interpol estava procurando uma quadrilha de receptores com ramificações internacionais que comprava livros roubados em várias partes do mundo, obras que pela notoriedade eram muito difíceis de colocar no mercado europeu e por isso agora estavam sendo vendidas na Ásia, principalmente, e também na América do Sul. (Fonseca, 2005, p. 48)

Na entrevista, já citada neste trabalho, para o site Com Ciência (<http://www.comciencia.br/entrevistas/roza/roza01.htm>), publicada em maio de 2000, o escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza complementa a personalidade de seu delegado com as seguintes características: “Eu tentei fazer do inspetor Espinosa um personagem bastante brasileiro, e bastante carioca. Ele tem uma certa preguiça, não tem este sufoco do paulistano, por exemplo. Ele tem características muito próprias.” (<http://www.comciencia.br/entrevistas/roza/roza01.htm> - acesso em junho de 2005)

Em suas declarações em relação à Espinosa, Garcia-Roza sempre procura deixar clara a preocupação em humanizar o seu personagem no momento da criação. O leitor poderia encontrar Espinosa ao virar uma esquina qualquer da cidade. Mas, segundo o autor, esta esquina não poderia estar em qualquer metrópole. Para o escritor, o modo de ser de seu delegado está profundamente ligado ao grande centro urbano em que vive: o Rio de Janeiro. Ser carioca, para ele, significa portar um determinado número de características, ser mais tranquilo e relaxado e não viver na ansiedade e no sufoco. Conviver com o sufoco, segundo o trecho acima, é coisa de paulistano.

O fato de ser preguiçoso associaria o protagonista ao discurso que dita características para a personalidade dos brasileiros. Garcia-Roza, com sua afirmação, deixa claro que, pelo menos para ele, existe uma idéia pré-concebida de brasileiro e carioca, com traços bem definidos, uma espécie de essência.

Segundo Benedict Anderson, em *Nação e consciência nacional* (1989), a idéia de nação, com marcas bem definidas e habitantes que possuem origem e traços comuns, é criada. A noção de povo, como uma massa que compartilha uma série de características, como raízes, cultura, interesses e modos de agir, é ilusória, artificialmente formada. Criada pelas obras que esta nação produziu, pelas histórias contadas pelos historiadores, pela forma como o povo aparece retratado nos livros e até pelos mitos que falam de sua origem. As nações seriam, portanto, narrativas artificialmente desenvolvidas: artefatos históricos construídos.

E a literatura nacional está repleta de exemplos que procuram fazer com que esta idéia de totalidade exista. A questão do nacionalismo foi abordada pelos românticos, como José de Alencar, pela primeira vez. Na época, não existia uma tradição e era preciso criar uma, mostrar o início, uma espécie de essência presente em todos os habitantes do país, que ligasse os indivíduos, formando uma totalidade homogênea. Era necessário desenvolver a identidade de um país, uma história que explicasse a origem de um povo. Estas narrativas de fundação surgem no século XIX, junto com o conceito de nação, construindo uma identidade nacional que não existia até então. Segundo Benedict Anderson, o nacionalismo está presente na nossa imaginação, enraizado em nosso subconsciente, formado por um conjunto de narrativas que estamos acostumados a ouvir. A idéia de povo estaria, desta forma, criada. Uma comunidade imaginada, limitada e soberana, um conjunto de indivíduos que acreditam estar ligados por características comuns.

Os modernistas chegam para mostrar que não existe uma única civilização, verdadeira e soberana, que dita as regras para o resto do mundo e precisa ser copiada, mas civilizações, como disse Mário de Andrade, um dos fundadores do movimento. Era a hora de tentar se soltar dos moldes ditados pela Europa e criar algo novo, digerindo o que vinha de fora e mesclando a isto elementos da cultura local. A idéia defendida era a da antropofagia. Como Mario de Andrade afirmou numa carta ao poeta Carlos Drummond de Andrade:

Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós nas nossas casas de Belo Horizonte e São Paulo. Por uma simples razão: não há Civilização. Há civilizações. Cada um se orienta conforme as necessidades e ideais duma raça, dum meio e dum tempo. (...) Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França porque as nossas necessidades são inteiramente outras (Carlos & Mario, 2000, p. 71).

Para os modernistas, a saída para a produção de simples cópias era mesclar ao que vinha de fora à vivência do indivíduo comum, do brasileiro de classe média, espalhado pelos mais diferentes e escondidos recantos do país. Em outra carta a Carlos Drummond de Andrade, Mario afirma que os brasileiros precisavam redescobrir o seu país, aprender com a experiência, analisar a arte feita pelo povo, as tradições da terra, e misturar a estas às técnicas e influências que vinham de fora. Só assim seria possível criar algo original.

Foi esta posição que Mario de Andrade adotou ao escrever *Macunaíma* (1928). Na hora de retratar o povo brasileiro, o autor criou um anti-herói: Macunaíma. Nada de um protagonista forte, corajoso e bom, como os índios das narrativas românticas. Seu personagem não tem nenhum caráter, já que sua origem não é pura, e é desprovido de uma essência. Sua personalidade é uma mistura de traços bons e maus.

As idéias dos modernistas, porém, surgem num momento em que os meios de comunicação ainda não tinham atingido as dimensões e a velocidade dos dias de hoje. Em pleno século XXI, a Internet e a mundialização cultural fazem do híbrido a regra. A facilidade de circulação entre os países, com as viagens, as migrações, as diásporas; os avanços na comunicação, que possibilitam que acontecimentos em lugares distantes e isolados sejam divulgados quase em tempo real, e a Internet têm feito com que as culturas deixem de ser puras e recebam

influências de fora. A mistura prevalece. E os marginalizados encontram espaço para expressar a sua voz, além das fronteiras do seu país, nem que este tenha que ser virtual.

Silviano Santiago, no texto “O cosmopolitismo do pobre” (2005), lembra que nunca as culturas se misturaram tanto quanto hoje. No passado, eram os filhos da aristocracia ou da burguesia ascendente que viajavam para o exterior, em busca de um banho de cultura, do contato com as novidades que surgiam. Atualmente, eles não são os únicos. Indivíduos de baixa renda migram para outros países em busca de melhores oportunidades de vida e empregos. E estes grupos que vivem à margem ganham voz em meios de comunicação como a Internet. O Movimento dos Sem Terra (MST), no Brasil, por exemplo, que defende a reforma agrária, tem um site na rede explicando todas as suas diretrizes. E os textos estão traduzidos em seis línguas diferentes. Desta forma, eles podem se associar a movimentos com causas similares existentes em diferentes países.

As fronteiras parecem elásticas, mas isto não significa que todos sejam tratados como iguais. Que a idéia de centro e margem deixe de existir. Ocorre, porém, uma movimentação, um deslocamento. Os conceitos deixam de ser rígidos e estagnados. O centro e a margem mudam de lugar, de acordo com o ponto de vista de quem fala. E a idéia de nação como um todo, incentivada pela elite ao longo da história, divide espaço com o surgimento de comunidades imaginadas, grupos pequenos, minorias que se unem, independentemente de fronteiras, por afinidades.

Em vez da defesa única de um todo, as sociedades precisam se adaptar ao surgimento destas pequenas associações, com indivíduos que se juntam buscando interesses comuns, independentemente dos limites impostos pelas fronteiras de seus países.

Ao perder a condição utópica de nação – imaginada apenas pela sua elite intelectual, política e empresarial, repitamos – o estado nacional passa a exigir uma reconfiguração cosmopolita, que contemple tanto os seus novos moradores quanto os seus velhos habitantes marginalizados pelo processo histórico. (Santiago, 2005, p. 60).

Segundo Renato Ortiz, no texto “Globalização, modernidade e cultura” (2002), o surgimento de fronteiras elásticas e o aumento da troca entre diferentes países não significam que o conceito de nação tenha deixado de existir, assim

como a idéia de povo ou a de pertencimento a uma determinada cultura. Porém, sua força não é tão grande e norteadora como no passado. Para os indivíduos de hoje, há identidades e não uma única e soberana. A nação, segundo o autor, era a fonte privilegiada da produção de sentido coletivo. Atualmente, ao seu lado, caminham outras (etnias, minorias, culturas populares etc). Cada uma destas concorre ou complementa a identidade nacional.

O conceito de comunidades imaginadas é elástico e o sentido de nação passa a ser repensado. Há um desabrochar de identidades locais. Os termos nacional e universal estariam, atualmente, sendo desconstruídos, repensados, revistos a partir de seus antigos alicerces.

A nação se apresentava assim como um espaço dotado de autonomia capaz de ordenar a sociedade nacional de acordo com sua historicidade, suas forças econômico-sociais, enfim, suas contradições internas. O processo de globalização redefine este quadro de equilíbrio. A modernidade-mundo é uma tendência que extrapola as fronteiras nacionais. Isso não significa que o Estado-nação esteja prestes a desaparecer. Apenas uma visão ideológica pode alimentar este tipo de ilusão. Entretanto, a globalização retira muito de sua autonomia anterior. (Ortiz, 2002)

Segundo Ortiz, o declínio do Estado-nação teria inaugurado uma era de fragmentação. O mundo contemporâneo seria, para o autor, constituído por espaços desconexos, fragmentos distintos e, na maioria das vezes, independentes uns dos outros.

Estas teorias podem ser observadas na afirmação de Garcia-Roza, citada acima. Quando delineou a personalidade de seu delegado, o escritor se utilizou de conceitos definidos pelas narrativas criadas ao longo da história, que unem os brasileiros num único grupo: um povo, com origem, traços culturais e comportamentais comuns. Mas isto não quer dizer que nos romances que criou Garcia-Roza não tenha feito Espinosa passear por uma sociedade com fronteiras elásticas ou se deparar com a existência de pequenos grupos, unidos por interesses comuns. Seu delegado não tem uma identidade. Ele tem identidades. Assim, Espinosa é também um morador de Copacabana, mais especificamente do Bairro Peixoto, que cultua o seu bairro, recordando o passado e as transformações. É, só para citar outro exemplo, um tira ético, que se associa aos poucos policiais corretos que conhece na corporação. Enquanto os corruptos se unem para defender interesses comuns e propinas.

## 4.2

### A narrativa policial no mundo sem fronteiras da Internet

Numa das cenas de *Mandrake – A bíblia e a bengala* (2005), de Rubem Fonseca, o protagonista é entrevistado sobre o crime que investiga. A repórter escreve para um periódico publicado na Internet.

Doutor Mandrake, ela falou com voz brande, o Tabloidepontocom é o jornal mais lido da Internet, não somos uma reprodução de jornal de papel, essa coisa lenta que já nasce defunta, esse caranguejo atarantado num mundo cibernético, somos mais ágeis do que a televisão e com uma grande vantagem, não precisamos mostrar novelinhas, biguebróderes e outros programas ordinários para vender cerveja ou eletrodomésticos. Nosso lema é informar educando. (...) Ela abriu a bolsa e tirou uma câmera digital. Posso fazer uma foto sua? Daqui a pouco estará no nosso site. Sob a foto, um texto curto, aspas o Doutor Mandrake não sabe quem é Carlos Waise ponto estará dizendo a verdade ponto de interrogação envie sua opinião para o Tabloidepontocom fecha aspas. Só isso. Gostamos de interagir com nossos leitores internautas. Uma foto só, da minha câmera digital? (Fonseca, 2005, p. 74)

No trecho do livro, Rubem Fonseca retrata com ironia as peculiaridades da mídia nos dias de hoje, ressaltando a velocidade da informação na rede e a ilusão de que o leitor pode contribuir e interferir na produção da notícia. A comunidade dos leitores internautas, defendida pela repórter, não tem fronteiras e compartilha a preocupação de estar conectada, quase que em tempo real, com os mais diferentes acontecimentos do mundo. A foto de Mandrake vai ser tirada e, minutos, segundos depois, já pode estar acessível a milhares de leitores dos mais diferentes países.

Segundo André Lemos, no ensaio “Cibercidade – As cidades na cibercultura” (2004), a revolução tecnológica dos meios de comunicação trouxe modificações na vida dos indivíduos. Hoje existe um espaço social virtual, uma nova área de navegação e perambulação. E estar integrado à sociedade significa, como no trecho transcrito acima, estar conectado. Não que as redes estejam substituindo o contato no espaço físico, mas existe uma relação entre o real e o virtual. O espaço virtual serve, portanto, para dinamizar a comunicação ou tornar mais visível o que já existia. É sinal também, segundo o autor, de que as cidades, atualmente, não se limitam aos seus espaços físicos, vão além de suas fronteiras.

Estas características podem ser observadas na análise do romance policial na Internet. O gênero, que, para muitos escritores, vem servindo para pensar a sociedade em que vivemos, com temática urbana e ambientado em grandes metrópoles, vem se disseminando pela rede mundial de informação. O boom do policial pelo mundo chegou também ao espaço virtual. É onde os aficionados se encontram, em páginas especializadas, para discutir o assunto, e onde as nuances do gênero aparecem representadas.

O suplemento literário do jornal *El País*, *Babelia*, publicou no dia 23 de julho de 2005 uma edição especial só com matérias sobre o romance policial. Numa delas aparecem endereços e mais endereços de sites dedicados ao tema. Um passeio por estes sites (ver lista de sites em referências bibliográficas) revela ainda mais listas com endereços virtuais, nas mais diferentes línguas. Todos dedicados ao assunto. Visitar estes ambientes é entrar em associações de apaixonados por romances policiais, que se procuram, se unem, em prol de um interesse comum, produzindo, assim, uma comunidade imaginada.

Nestas páginas há trocas de livros, críticas, entrevistas, discussões, anúncios de encontros e seminários e ainda análises do gênero. É comum encontrar leitores defendendo que o policial não pode ser considerado baixa-literatura e que promove uma reflexão sobre a vida na sociedade de hoje.

Assim, logo na entrada do site *Negra y Criminal* ([www.negraycriminal.com](http://www.negraycriminal.com)), livraria especializada em romances policiais com endereço real, em Barcelona, na Espanha, e virtual, encontramos uma definição para o romance noir:

Nós ficamos com a definição de Paco Ignacio Taibo II: ‘um romance negro é aquele que tem no seu coração um eixo criminal e que gera uma investigação. O que acontece é que um bom romance negro investiga algo mais do que quem matou ou cometeu o delito, investiga a sociedade onde os feitos acontecem. Começa contando um crime e termina contando como é esta sociedade. ([www.negraycriminal.com](http://www.negraycriminal.com) – acesso em maio de 2006)

A página apresenta ainda um mural de fotos de eventos promovidos na livraria real. Nelas, escritores e apaixonados pelo tema posam, vestindo uma blusa negra com o nome do espaço, dando a impressão, ao internauta, de estar vendo os integrantes de uma seita. Eles formam a imagem de uma comunidade, unidos por uma paixão comum.

O site apresenta também uma gama de filmes e livros com temáticas afins, como clássicos do noir imortalizados pelo cinema, seriados sobre espões, crônicas, dicionários e até ensaios e publicações sobre crimes reais. Segundo a justificativa do próprio espaço:

Para nós, romance negro, romance policial e romance de intriga (dedutivo) não são suficientes para descrever todas as especialidades que gostamos e que o leitor poderá encontrar em nossa livraria. (...) Acreditamos que aqui convivem tendências, escolas e gostos diferentes. Só temos um único limite: o aborrecimento. (www.negracriminal.com – acesso em maio de 2006)

A definição acima mostra uma tendência comum aos sites dedicados ao gênero: a apresentação de uma série de subdivisões para o romance policial. Os teóricos do tema costumam apresentar duas: o negro e o dedutivo, também chamado como de enigma ou clássico. Alguns defendem ainda uma terceira: o romance de suspense, que mesclaria características dos dois primeiros. Mas na Internet aparecem listas de livros policiais com advogados como protagonistas, com personagens negros, temática gay etc. É o policial das minorias, que encontra o seu espaço de representação na rede.

O [gènerenegre.net](http://es.geocities.com/biblioteca_bobila/generenegre.html) (http://es.geocities.com/biblioteca\_bobila/generenegre.html), por exemplo, proporciona ao leitor um passeio, como escrito na página, pela biblioteca La Bòbila de L’Hospitalet (Barcelona). Por lá é possível encontrar uma série de autores divididos por ordem alfabética e uma seleção das, segundo o espaço, “melhores páginas” dedicadas ao policial na Internet. Numa lista, aparecem 71 links para sites dedicados ao gênero, em diferentes línguas. Eles são separados em subdivisões de acordo com o tema. Há, por exemplo, a indicação de sites sobre policiais com temática histórica, femininos (com detetives do sexo feminino ou escritos por mulheres), dedicados ao policial de humor e destinados a cultivar romances negros de minorias (com temática lésbica, escritos por autores negros, judeus etc).

Em MystNoir (<http://mystnoir0.tripod.com/MystNoirDir/>), presente na tal lista de romances negros de minorias da [gènerenegre.net](http://es.geocities.com/biblioteca_bobila/generenegre.html), o leitor encontra uma página dedicada a novelas de suspense escritas por afro-americanos. O objetivo é atualizar o internauta sobre recentes lançamentos. Na parte destinada à apresentação, a fundadora, Angela Henry, justifica a existência da página dizendo

que sempre foi uma amante da literatura noir, mas ficava intrigada por só encontrar alguns personagens negros, como ela, nas histórias. No início dos anos 90, numa de suas muitas incursões a bibliotecas, ela descobriu uma grande autora negra de policiais e, nos anos seguintes, que mais e mais americanos afro-descendentes se aventuravam em escrever livros sobre o assunto. O espaço, portanto, divulga esta produção.

O internauta pode encontrar também uma lista de detetives gays em <http://www.wright.edu/~martin.kich/DetbyProf/Gay.htm>, com o nome de seus respectivos criadores. O endereço está interligado à página do professor de inglês Martin Kich, da Wright State University. Além da lista de detetives gays, ele mantém uma relação com diferentes tipos de investigadores, divididos em classificações como profissionais, amadores, femininos e animais (clicar neste link significa encontrar uma relação de animais detetives presentes na literatura de mistério).

Observar estes endereços é como comprovar as teorias defendidas por Renato Ortiz, no texto “Globalização, modernidade e cultura” (2002). Os sites mostram um movimento no gênero policial de buscar um maior número de subdivisões e especializações. O fato parece refletir uma necessidade existente na sociedade de hoje. A personalidade dos indivíduos passou a ser composta por uma série de identidades. Muito mais do que pertencer a um grupo macro, que abarca as características e os traços de uma nação, ganha importância a identificação com pequenos grupos, minorias que se juntam em prol de interesses comuns. É o caso, por exemplo, de Angela Henry, fundadora do site MystNoir. Sua página defende sua personalidade e identidade.

A preocupação com o nacionalismo parece perder força. E, a ela, se agrega a existência de uma série de pequenos grupos com interesses comuns. Não é só fazer parte de uma nação, de uma cultura, mas também (e às vezes é até mais importante) pertencer a um grupo específico, se identificar com uma causa.

No início de 2006 foi criada a primeira livraria especializada em publicações policiais, de mistério e suspense no Brasil: a Livraria do Crime, sediada em São Paulo, mas com endereço virtual ([www.livrariadocrime.com.br](http://www.livrariadocrime.com.br)). No site é possível encontrar um local dedicado a notícias relacionadas ao tema, atualizadas sempre e colhidas em jornais do Rio e de São Paulo. Além de entrevistas com escritores, há uma relação de detetives famosos, anti-heróis,

biografias, lançamentos e livros à venda. O internauta encontra ainda um sebo e um espaço batizado de cemitério vivo (“livros usados, com textos em bom estado e capas nem tanto”).

A página está escrita em português, com a indicação de sua cidade-sede na apresentação, mas o conteúdo não difere muito do *Negra y Criminal*, por exemplo, livraria sediada em Barcelona. Nem o visual do site, nem o conteúdo de suas muitas seções parece apresentar uma particularidade, um traço que marque a sua nacionalidade. A lista de detetives abarca investigadores das mais diferentes nacionalidades, como o delegado brasileiro Espinosa, de Garcia-Roza; o francês Auguste Dupin, de Poe; o americano Nero Wolfe, de Rex Stout; o espanhol Pepe Carvalho, de Manuel Vázquez Montalban, e o belga Hercule Poirot, criado por Agatha Christie. Entre os escritores entrevistados pelo próprio site, estão nomes como o do músico e escritor Tony Bellotto, criador do detetive Remo Bellini, e do americano Lawrence Block.

Mas, ao entrevistar autores nacionais, a repórter da livraria toca no tema. Tony Bellotto, por exemplo, perguntado sobre a repercussão do policial no país, afirma: “O gênero policial tem se disseminado lentamente no Brasil. Nos últimos anos ganhou força, com livros que criam um romance policial ‘brasileiro’”(www.livrariadocrime.com.br – acesso em maio de 2006). O escritor Robinson dos Santos, autor de *Souvenir Iraquiano*, complementa:

O brasileiro não se enquadra no enredo fim do mundo, que é típico do romance anglo-saxão, tampouco nas narrativas sobre guerras nucleares. Isso não nos afeta. Em *Souvenir Iraquiano*, por exemplo, o brasileiro é a personagem que tem seu caminho cruzado com ações desenvolvidas por um agente da CIA. Isso pode ser real. Nós, brasileiros, fazemos parte deste mundo e nossas ações também interferem na história. (www.livrariadocrime.com.br – acesso em maio de 2006)

Como Silviano Santiago defende no texto *O cosmopolitismo do pobre* (2005), o estado nacional hoje passa por uma reestruturação e os habitantes marginalizados reivindicam sua incorporação no mundo. É o que Robinson parece dizer com sua afirmação. Os brasileiros, vindos da margem, podem apresentar peculiaridades, não se interessar por ameaças nucleares, por exemplo, que estão longe de sua realidade. Mas estão incorporados ao mundo e fazem parte de sua história. As fronteiras, segundo sua visão, são elásticas e um detetive nacional pode ter seu caminho cruzado com um agente da CIA. A margem, no dias de hoje,

tem voz, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, citado por Santiago, e participa mais ativamente do mundo. Não que o conceito deixe de existir. Mas sua posição ganha movimentação. Centro e margem passam a ser repensados e, atualmente, mudam de lugar, de acordo com o discurso.

A afirmação de Robinson classifica ainda o brasileiro como um indivíduo cosmopolita, já que participa do mundo, circula por ele, e cujas ações podem modificar e interferir na história internacional. No site, a preocupação com a identidade nacional está representada em entrevistas como as de Tony Belloto e Robinson dos Santos. Mas o interesse pelo policial vem em primeiro lugar. Na associação dos amantes do gênero não há fronteiras, publicações nacionais e estrangeiras dividem o espaço de igual para igual. Quem acessa a livraria virtual está interessado em obter informações sobre as tramas de mistério e não apenas sobre o mercado policial no país ou as nuances que este pode adquirir em terras brasileiras.

Em alguns livros do gênero, podemos encontrar as mesmas preocupações refletidas. Para *Mandrake*, o advogado de Rubem Fonseca, a cidade são os seus habitantes. No momento em que visita uma amiga italiana na companhia do delegado Raul, o protagonista afirma:

Você não gostaria de morar num apartamento igual ao dessa puta velha italiana, ter diariamente à sua frente aquela paisagem deslumbrante? Respondi que Caterina não era uma puttana, era uma condessa das mais ilustres, e que a tal paisagem fascinantes era para desfrute das visitas, mero exibicionismo, ninguém agüentava ver aquela coisa monótona. Eu gosto das paisagens da nossa cidade disse Raul. Respondi que a cidade para mim eram as pessoas, se me pedisse para descrever a minha cidade eu falaria das pessoas. (Fonseca, 2005, p. 129)

No livro, *Mandrake* circula por uma cidade internacional. Para ele, as metrópoles são as pessoas, e, na trama descrita, circulam italianos, ricos colecionadores de livros que pulam de país em país atrás de novidades e esportistas que escalam picos internacionais com frequência. Mas na história, há também *Mandrake*, que trabalha por dinheiro, frequenta o submundo e tem uma empregada cujo único sonho é comprar uma casinha com uma mangueira no quintal. Ele recebe cartões-postais de uma das colecionadoras de livros raros, cada um de um país diferente; convive com uma elite cosmopolita, mas, ao ser convidado para uma excursão num pico uruguaio, escuta o comentário: “Você está louca, Bárbara, disse Mariza, irritada, aquela excursão não é para amadores,

já morreu muita gente lá, se o Mandrake quer subir algum pico que suba o da Tijuca” (Fonseca, 2005, p. 149). Mandrake lê cinco jornais internacionais diariamente, mas, na hora de cruzar fisicamente as fronteiras, precisa ouvir que tem competência para, no máximo, subir o pico da Tijuca. Os personagens mostram, portanto, diferentes tipos de cosmopolitismo. E, na história, as nuances entre local e global parecem regidas pelo dinheiro.

Garcia-Roza já afirmou que quis reforçar os traços nacionais de seu delegado Espinosa e, nos romances que escreve, faz questão de detalhar a cidade ao máximo, especialmente o bairro de Copacabana, onde mora. O delegado odeia computadores, não viaja e faz questão de percorrer seus trajetos a pé. O autor descreve seu personagem como um romântico saudosista, que freqüentemente aparece lembrando os bons tempos do bairro onde mora. Seu nacionalismo, a ligação com o país em que vive e o cultivo de características que, segundo o próprio autor, seriam típicas de um brasileiro, parece ligado a uma recusa em aceitar as mudanças na sociedade e os avanços tecnológicos.

Mas em sua rotina passeiam pessoas como a ex-mulher e o filho, que vivem no exterior; a namorada Irene, viajada, rica, independente, e os sem-tetos, as prostitutas e os meninos de rua, além de uma série de indivíduos agrupados em pequenas comunidades, que, por exemplo, se unem pelo dinheiro, defendendo uns aos outros em nome de propinas e interesses comuns. Para estes, a preocupação com a comunidade imaginada da nação parece esvaziada, ocupada por uma série de outras identidades que se sobrepõem.

Todos os dois personagens, Mandrake e Espinosa, apesar de parecerem opostos na descrição, vivem numa sociedade regida pelo dinheiro, de fronteiras elásticas, onde a preocupação com a nação, com os interesses comuns de seu país, parece enfraquecida. Espinosa é um romântico saudosista, que cultiva seus hábitos cariocas, mas precisa se deparar diariamente com uma realidade dura. Mandrake aceita as fronteiras elásticas da sociedade em que vive, composta por pessoas, não importa de que nacionalidade. Mas, em alguns momentos, se depara com discursos e situações que o ligam ao país onde mora.

Em “Dez anos desinventando a nação” (2005), Vera Lúcia Follain de Figueiredo analisa que a idéia de nação como um projeto comum perdeu a força nos dias de hoje. Há ainda, a figura do passaporte, é lógico, lembrando uma identidade nacional em certas ocasiões. Enquanto a elite mundial cosmopolita

circula pelo mundo sem problemas, emigrantes que se mudam em busca de melhores condições de vida são constantemente lembrados de seus limites. Compõem, na maioria das vezes, uma classe de excluídos nos países que escolheram habitar, encontrando fronteiras rígidas. Não que estas tracem os limites de uma nação, mas territórios, reforçam diferenças e, principalmente, recordam que estes indivíduos não são iguais aos habitantes nativos. Na condição de estrangeiros, porém, não lutam por uma causa comum à sua nação, defendem os interesses de um grupo. “No caso da nação de origem, o movimento migratório aponta para o afrouxamento dos laços internos, para a descrença no ideal de construção de um projeto coletivo, que implicaria, em princípio, o compromisso de todos.” (Figueiredo, 2006, p. 88)

Para a autora, o que rege este desequilíbrio – a extraterritorialidade do poder e a territorialidade da vida do homem comum – é a cultura do dinheiro. Os valores flutuam, soltos, sem a regência de governos nacionais. Vera Follain fala de um mundo em que a preocupação com o nacional se esvaziou, enquanto que a idéia de cosmopolitismo parece passar por revisões.

Há o cosmopolitismo da elite, que circula pelo mundo, aproveitando as facilidades de locomoção dos meios de transporte modernos, que participa dos avanços da globalização e das novas tecnologias. E há o cosmopolitismo do pobre, tão bem definido por Silviano Santiago, que pode migrar para outros países em busca de melhores oportunidades, mas que encontra em terras estrangeiras subempregos. Esta margem, porém, pode soltar sua voz, exigir seus direitos, em meios como a Internet. Os conceitos de local e global, nacional e cosmopolita, portanto, sofrem revisões, assim como a idéia de centro e margem.

Em ambos os casos, a idéia de nação, como uma comunidade imaginada, que une diferentes indivíduos – com origem, cultura e traços comuns – em prol de uma causa coletiva parece esvaziada. As identidades nacionais precisam conviver com uma série de outras, que completam a identidade de um indivíduo.

Nos sites analisados, dedicados ao romance policial, é possível notar que o gênero reflete estas mudanças na sociedade. A preocupação em noticiar este tipo de narrativa, independentemente da nacionalidade do autor e do local em que se desenvolve a trama, prevalece sobre a análise da produção nacional na página da Livraria do Crime, a primeira brasileira dedicada ao policial. No espaço as fronteiras elásticas aparecem retratadas e a defesa da comunidade dos

apaixonados pelo gênero se sobrepõem à preocupação com a identidade nacional. O site não difere muito da página na Internet da livraria espanhola *Negra y Criminal*, de Barcelona.

As muitas subdivisões do gênero, que aparecem espalhada numa série de sites especializados, comprovam a necessidade de pertencer a pequenos grupos, que defendam interesses específicos. É o caso das páginas especializadas em tramas policiais escritas por afro-descendentes, mulheres, judeus ou homossexuais. Ao lado da idéia de nação, de uma ligação local, passaram a caminhar outras identidades (etnias, minorias, culturas populares etc), que produzem uma noção de sentido ao indivíduo. Cada uma destas concorre ou complementa a identidade nacional.